

VERDELHO, Telmo. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

Este documentado e exaustivo trabalho do conhecido professor da Universidade de Aveiro, Telmo Verdelho, projetado como introdução ao estudo da obra lexicográfica do primeiro dicionarista português Jerônimo Cardoso, sob a orientação erudita e segura do notável mestre Paul Teyssier, representa o mais minucioso panorama da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas na Idade Média e no Renascimento desenvolvido em Portugal. É um volumoso tomo de 594 páginas, repleto de preciosas informações colhidas numa imensa bibliografia de obras editadas e manuscritas, resultado que é das peregrinações do A. pelas reservas preciosas existentes na Biblioteca da Sorbonne, na Biblioteca Nacional de Paris, na Biblioteca Nacional de Lisboa, nas bibliotecas da Universidade e Municipal de Coimbra, na biblioteca da Ajuda, do Porto, de Évora, de Leiria, de Viseu, de Aveiro, de Bragança e de outras instituições, incluindo-se aí certos títulos da nossa Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como o *Latinae Grammatices Compendium* (1543) de Duarte Pinhel, "que marca um lugar relativamente original, no conjunto da gramaticografia portuguesa da época, apenas igualável ao breve manual de João de Barros, que não chegou no entanto a ser impresso naquele tempo" (p. 114).

Além desse conjunto extraordinário de fontes bibliográficas, Telmo Verdelho beneficiou-se dos profícuos Seminários de pós-graduação na Sorbonne (Paris IV), sob a direção de Paul Teyssier, e de uma permanente correspondência com esse mestre, de que dão conta algumas das numerosas notas que enriquecem cada capítulo da obra.

Compõe-se o presente trabalho de quatro extensos capítulos subdivididos em seções e sub-seções. O capítulo I tem por título *Gramaticografia*, subdividida em *Gramaticografia medieval* (p. 25-54), *Gramaticografia do Renascimento* (p. 55-88), *Gramaticografia latino-portuguesa* (p. 89-133); o capítulo II está dedicando à *Lexicografia medieval*, subdividido em *Introdução* (p. 137-165), *Lexicografia e língua portuguesa na Idade Média* (p. 167-179), *Lexicografia do latim em Portugal na Idade Média* (p. 181-194), *Lexicografia latino-portuguesa na Idade Média* (p. 195-213); o capítulo III versa sobre *Lexicografia do Renascimento*, subdividido em *Desenvolvimento da lexicografia e dos seus fundamentos teóricos* (p. 217-232), *As origens e o processo de transmissão da lexicografia moderna* (p. 233-244), *Dicionários de língua* (p. 245-264), *Dicionários de informação não especificamente lingüística* (p. 265-311), *Os grandes modelos da lexicografia européia* (p. 313-371); o capítulo IV discorre sobre o tema *Pré-lexicografia portuguesa*, subdividido em *Referência documental e manuscritos* (p. 375-392), *Léxicos parcelares, índices e nomenclaturas* (p. 393-407), *Sentenças e índices ideológicos* (p. 409-417), *Pré-lexicografia em língua portuguesa* (p. 419-429), *Lexicografia pós-cardosiana, em Portugal no século XVI* (p. 431-473).

Conclui a obra uma *Conclusão* (p. 477-484), seguida de *Anexo* ou *Apêndice*, que inclui *Linguisticografia medieval* (p. 487-499), *Linguisticografia do século XVI* (p. 500-514), *Dicionários de verbos* (p. 515-580), *Índice onomástico* (p. 581-594).

Pode o leitor atento verificar por esta enumeração o gigantismo do trabalho de Telmo Verdelho, o que nos leva a concluir que trouxe à colação exaustiva relação de trabalhos sintética mas competentemente examinados, e abre definitivamente o caminho para uma série de investigações particulares e aprofundadas acerca de autores e obras referidos, quer numa visão de historiográfica, como, por exemplo, o *Littré – L'humaniste et les mots*, de Alain Rey (Gallimard, 1970), quer numa visão gramático-lingüística, como, por exemplo, *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical, étude et édition critique* de Louis Holtz (Paris, CNRS, 1981).

Numa obra de grande porte como esta, faz falta um bem elaborado índice dos termos estudados, já que o A. contemplou o leitor com um índice onomástico; sem esse índice, ficam sem uma pronta consulta numerosíssimas excelentes e oportunas observações espalhadas no texto e nas notas do livro de Telmo Verdelho. Sirvam de exemplo, para só citar alguns, "a longa caminhada dicionarística" do adjetivo *brãmane* em português e na lexicografia medieval e renascentista (p. 237); o conceito de *hapax* (p. 236 e n. 6 da p. 243) e a presença da forma *muliada*, tomada pelo adjetivo *inculcada* a partir de ed. princeps dos *Apólogos* de Francisco Manuel de Melo; o latinismo *incógnito* ligado à designação do desconhecimento da paternidade (p. 471); o mal interpretado, na sua etimologia, do antropônimo (antes topônimo) *Pastrana* (-o), passado a nome comum, "pricipiante no estudo do latim", "aluno do primeiro ano", e não de um hipotético *pastoranu-* (p. 124-125). Curioso é que o erro de leitura que criou *muliada* mereceu a acolhida de bons dicionaristas até os dias de hoje, em Portugal e no Brasil, como assinalou G. Manuppella (*Boletim de Filologia*, de Lisboa, XII, 3-4, p. 360-362), citado por T.V. Quero aqui fazer a defesa de Mendonça Falcão, responsável pela 6ª ed. do *Dicionário* de Morais (e não pela 4ª ed., como está na nota do crítico). Cabia-lhe registrar o termo e propor-lhe um significado ou outro sentido contextual. Se havia má leitura na ed. princeps, não lhe cabia, como lexicógrafo, chegar à crítica textual. É diferente do que ocorreu com Laudelino Freire, que, em *Livros de Camilo*, topando com palavra desconhecida, estudou-lhe o significado, arranjou-lhe um étimo latino, mas a inédita palavra resultara de erro tipográfico, corrigido na errata, da edição que L.F. consultava. O caso vem narrado num dos opúsculos de Pinheiro Domingues.

No que toca a antropônimos passados a nomes comuns do tipo de *calepino*, *despautério* e *pastrano*, é difícil aceitar a proposta de T. Verdelho de incluir no rol *rodriguinho(s)*, "interpretado nos dicionários práticos como "frase feita para tudo", "nariz de cera" (p. 294), ligado ao nome Caelius Rhodiginus (1450-1525), célebre e conhecidíssimo autor italiano de texto de natureza lexical, que exerceu influência na atividade escolar da época. Além da existência tardia, recentíssima, do termo *rodriguinho(s)*, nas acepções aludidas, como o próprio proponente reconhece, a hipótese tem contra si vários obstáculos, entre eles a não extensão geográfica do termo em outras culturas em que se utilizava a obra de *Rhodiginus*, como ocorre com *calepino*, por exemplo.

É realmente digno dos maiores encômios o cuidado com que o Prof. Telmo Verdelho procurou ler toda a bibliografia que fosse possível consultar, *edita* e *inedita*, e dela tirar os ensinamentos e informações que transformam sua obra numa fonte obrigatória de consulta a que precisam ir os desejosos de inteirar-se das ques-

tões nela tratadas e motivar-se para futuras pesquisas. Uma ou outra vez, a informação bibliográfica fica a dever nota conclusiva, deixando o leitor frustrado pela conclusão esperada. É o caso da nota que alude ao discutido problema da datação do *Appendix Probi* (p. 161 n. 19): "C. Robson afirma, com grande convicção, que se trata de um manuscrito (palimpsesto) do início do séc. VII (...). Esta opinião é refutada por F. Sabatini, "Tra latino tardo e origini romanze", in *Studi linguistici italiani*, 1963 - 1964, 4, p. 140-143". Infelizmente o leitor fica sem saber a proposta do autor italiano.

Todavia nessas circunstâncias, sem desdouro do que na obra já lá existe, sempre há espaço para lembrar ao Autor essa ou aquela indicação bibliográfica. Como Fernão de Oliveira mereceu várias referências do A., especialmente o que dele diz a páginas 123 ("um acontecimento inteiramente novo, na história da nossa elaboração metalingüística", aludindo às gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros), ousou lembrar o fundamental artigo de Eugenio Coseriu acerca do primeiro "Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira (1536)", publicado na miscelânea em homenagem a P. A. Verburg e traduzido para o português por Maria Christina de Motta Maia (EDUFF - Presença, Rio de Janeiro, 1991). Sínteses muito valiosas contêm os dois volumes do mesmo E. Coseriu *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht* (2. Aufl., Gunter Narr, Tübingen, 1975). Do antes citado filólogo e filósofo holandês P. A. Verburg vale a pena lembrar *Taal en functionaliteit* (Wageningen, 1952), porque, além da excelência do livro, há informações de autores que muitas vezes não são contemplados nos conhecidos manuais de história da Lingüística. Lembro ainda a fundamental obra do filólogo e filósofo dinamarquês Jan Pinborg *Die Entwicklung der Sprachtheorie im Mittelalter* (Kopenhague, 1967).

Estamos todos devedores ao competente mestre da Universidade de Aveiro por mais este trabalho que honra o Autor e enriquece a investigação da Gramaticografia e da Lexicografia latino-portuguesas.

Evanildo Bechara